

A dinâmica de ocupação da Colônia Guaporé através dos agentes consulares italianos – sul do Brasil – 1892-1910

The dynamics of occupation of the Colonia Guaporé through the Italian consular agents - South of Brazil -1892-1910

João Carlos Tedesco*

Resumo: Buscamos analisar o processo de fundação e ocupação da Colônia Guaporé no sul do Brasil baseados nos relatórios e boletins que registram a situação das colônias italianas no Rio Grande do Sul, escritos pelos cônsules italianos estabelecidos ou em visita ao estado. Esses materiais apresentam, de forma detalhada, os processos de efetivação dos imigrantes nos lotes coloniais, a atração que, especificamente, a Colônia Guaporé exercia sobre os imigrantes e seus filhos já estabelecidos em outras colônias oficiais de imigração. As referidas fontes contêm um universo amplo de informações que contemplam todas as colônias de imigração italiana já efetivadas no estado e, em particular, a ocupação da última colônia oficial de imigração italiana no estado, Guaporé. Concluimos que a Colônia Guaporé serviu também para resolver um problema que era a pressão social pela terra; que não obteve a adesão esperada de imigrantes italianos e, mesmo com os limites da infraestrutura e geográficos, demonstrou ser expoente em termos econômicos.

Palavras-chave: Imigração. Colonização. Agentes Consulares. Colônia Guaporé.

Abstract: We seek to analyze the process of founding and occupation of the Guaporé Colony in southern Brazil, based on reports and bulletins on the situation of the Italian colonies of Rio Grande do Sul, written by the Italian consuls established or visiting the state. These materials present in detail the processes of effectuation of immigrants in the colonial lots, the attraction that, specifically, the Colonia Guaporé exercised over immigrants and their children already established in other official immigration colonies. These sources contain a broad universe of information,

* Possui graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1988), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1998), especialista em economia. Fez estágio de pós-doutoramento (2002) e de professor visitante (2009 e 2014) na Universidade de Verona - Itália. Fez também segundo pós-doutoramento (2011) na Universidade de Milão (Itália). Atualmente é professor titular da Universidade de Passo Fundo, nas áreas de Ciências Sociais e no Mestrado em História.

covering all Italian immigration colonies already in the state and, in particular, the occupation of the last official Italian immigration colony in the state, Guaporé. We conclude that the Colonia Guaporé also served to solve a problem that was the social pressure for land; which did not obtain the expected adhesion of Italian immigrants and, even with infrastructural and geographical limits, proved to be an exponent in economic terms.

Keywords: Immigration. Colonization. Consular Agents. Colônia Guaporé

Introdução

A Colônia Guaporé foi pouco estudada, diferentemente das outras colônias oficiais de imigração italiana. Foi a última das acordadas entre o governo brasileiro e o governo italiano para viabilizar o processo migratório para o Brasil. O início, em 1892, coincidiu com alguns entraves nessa dinâmica migratória, principalmente em razão das informações dos maus-tratos, de escravização de imigrantes nas fazendas de café e cana-de-açúcar na região Sudeste do país e, após alguns anos de sequenciais saídas, a resistência da oficialidade da Igreja Católica italiana no tocante à emigração de conacionais para várias partes do mundo, em particular, o Brasil. Na Itália, já com boa experiência de unificação, a emigração começava a ser questionada, principalmente a que se dirigia para o Brasil (FRANZINA, 2006; MAESTRI, 2000).¹

A Colônia Guaporé foi constituída após algumas décadas do início da colonização italiana no sul do Brasil. Muitas das ações efetivadas e que não deram certo em outras anteriores, em teoria, desejava-se evitar nesta. Porém, o território montanhoso, a ausência de vias de acesso, a presença de vários rios que exigiam

¹ Na Itália, houve intensas narrativas, discursos e debates suscitados entre defensores e detratores do processo de imigração italiana para o Brasil na primeira década do século XX. Como consequência principal deste debate, o governo italiano impôs um decreto denominado de Prinetti, o qual impedia a emigração subvencionada para o Brasil, como represália às informações recebidas dos maus-tratos em relação aos imigrantes italianos estabelecidos principalmente nas fazendas de café em São Paulo. Frente a esta legislação, destacamos a participação do Rio Grande do Sul na *L'Esposizione Internazionale del Sempione*, na Itália, em 1906, utilizada não unicamente como um espaço de criação de vínculos comerciais, mas essencialmente como uma ferramenta para estabelecer um elo entre o estado sulino e a Itália, com a intenção de propagandar a situação dos imigrantes italianos no Estado, com o intuito da revogação das restrições impostas pelo governo italiano à emigração e estimular o fluxo de emigrantes para essa região em particular, que neste período tornara-se um destino preterido em favor dos EUA e da Argentina (Para mais detalhes, ver TEDESCO, João Carlos; BERTAGNA, Federica; BALBINOT, Giovanni. *L'esposizione universale di Milano nel 1906 e l'immigrazione italiana nel Rio Grande do Sul. Altretalie*, Torino, v. 55, p. 35-52, 2017).

infraestrutura de pontes e de navegação, a distância do mercado consumidor dos produtos produzidos, a ausência de uma distribuição equânime dos lotes, muitos com áreas muito além, outros muito aquém do que fora prometido ou desenhado na planta da colônia, algumas propriedades sem acesso e sem possibilidade de obtenção de água, dentre outros processos, revelaram a mesma lógica de ações políticas de investimentos das outras já existentes, além do que ocorreu nas outras, muitas promessas não cumpridas pelas esferas governamentais do Império e dos governos republicanos, bem como dos provinciais e estaduais.

Desse modo, a superação desses limites e dificuldades demonstrou ser um imperativo para os primeiros moradores imigrantes italianos, migrantes de outras colônias e de vários grupos étnicos e moradores autóctones, que foram se inserindo e adquirindo terra. Uma das formas foi a intensa abertura de estradas e montagem de infraestrutura da navegação fluvial pelo rio Taquari, conhecido como porto de Muçum. O domínio de conhecimento de vários ofícios que migraram com os imigrantes, principalmente ferreiros e carpinteiros, permitam a fabricação de ferramentas, carretas e construções de habitações, pontes e outros ambientes construídos e necessários à colônia. Os comerciantes se instalaram, bem como uma ampla rede de carreteiros que transportavam os produtos dos colonos para as casas de comércio nos distritos, e destes para os centros maiores através do porto fluvial do rio Taquari, inclusive a capital do Estado. Somado a tudo isso, a presença de colonos, de pequenos agricultores e de exímios trabalhadores desejosos de prosperar, mesmo em meio aos limites de infraestrutura e de apoio governamental, souberam conciliar o trabalho da lavoura com a necessária abertura da infraestrutura viária, com isso abatiam a dívida da aquisição do lote com essa atividade.

Esses elementos, somados a outros, fizeram com que, em poucos anos após a efetivação da colônia, tivessem uma grande expressão econômica e populacional e que sua sede fosse elevada à categoria de município. Esses aspectos tão evidenciados pelos relatórios e boletins² foram produzidos por encomenda do governo do estado e outros enviados aos agentes de imigração junto ao governo italiano. Os documentos

² Material compilado por HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaoli. *Fontes diplomáticas: Documentos da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs, 2016. tomos I, II, III, IV.

são a base da pesquisa de nosso texto, que buscam abarcar todas as colônias de imigração italiana do estado.

Para o nosso estudo, daremos ênfase aos aspectos referentes à Colônia Guaporé. Não são muitas as referências em razão de o período de análise compreender apenas os primeiros anos, não muito além do primeiro decênio. Mesmo assim são suficientes para se ter uma noção da sua dinâmica inicial e que lhe deu a performance na sequência posterior. É isso que intencionamos analisar.

Estruturamos o texto analisando primeiramente os aspectos da configuração física da colônia, mostrando alguns elementos que dão especificidade; posteriormente, analisamos fragmentos dos conteúdos existentes nos boletins e relatórios, com ênfase aos elementos econômicos, à migração e à ocupação da nova colônia.

A configuração territorial e política da Colônia Guaporé

Entre o final do século XIX e o início do século XX observam-se, no Rio Grande do Sul, duas sociedades rurais bastante distintas, uma já estabelecida e a outra ainda em processo de se estabelecer, em formação. Na campanha, nas missões, na serra do sudeste e nos campos de cima da serra encontram-se contextos já consolidados, baseados na grande propriedade latifundiária agropastoril estabelecida ainda no tempo do povoamento português.

Nos vales dos rios Caí, Sinos, Taquari, Antas, Carreiro e Guaporé, na região da encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul (onde se situa a Colônia Guaporé), foi iniciado e consolidado um processo de ocupação das terras baseado na colonização germânica e italiana, com características de pequenas propriedades (25 hectares, em média), destinadas para o emprego do trabalho e da mão de obra familiar para efetivar uma agricultura de abastecimento dos mercados locais.

As elites fundiárias da região sul desenvolviam, até então, atividades basicamente ligadas à criação de gado, importante para a indústria do charque, cujo objetivo era o abastecimento das escravarias imperiais. Esse fator tornava as terras da região Nordeste do Rio Grande do Sul, em especial os vales dos rios, em particular, o Jacuí, Taquari, das Antas, Carreiro, Caí, entre outros menores, inviáveis para o desenvolvimento dessas atividades em razão das características geográficas, ou seja,

relevos acidentados e impróprios para o desenvolvimento das pastagens necessárias para a prática da pecuária. Assim, a execução do processo de imigração e de colonização nessas regiões não entrava em choque com os interesses das elites agrárias. Nessas regiões, o projeto de imigração e colonização, inicialmente alemã e depois italiana, foi concretizado (LANDO BARROS, 1980, p. 15), tendo por forma e objetivo a colonização em núcleos baseados em pequenas propriedades de base familiar, sendo os viabilizadores da produção agrícola e de processos de povoamento, muitos em terras devolutas distantes das áreas latifundiárias.

Quanto ao fluxo de emigrantes que deixaram a Península Itálica, é interessante enfatizar que a maioria dos que emigraram para o Rio Grande do Sul tinha origem na região Norte, especialmente no Vêneto. Alvim destaca que foram da Itália setentrional os principais fluxos de partida de emigrantes:

A região Vêneta forneceu, entre 1870 e 1920, 30% do total de emigrados italianos para o Brasil, transformando o País em praticamente o único da América a receber vênnetos nesse período [...] o tipo de imigrante que aqui aportou [...] saem, sobretudo do Vêneto, famílias que pertenciam ao universo dos meeiros, dos pequenos proprietários e arrendatários. [...]. Essas famílias eram formadas por 12 ou até 15 elementos ao todo, normalmente com dois ou três homens e suas respectivas mulheres e filhos. Traziam como hábito, [...] o de trabalhar juntos a terra que lhes pertencia; [...]. A saída ocorreu somente quando suas propriedades não ofereceram mais recursos para a sobrevivência do grupo (ALVIM, 2000, p. 386).

Nas questões relativas ao fenômeno da migração é necessário levar em conta os espaços que se interligam, ou seja, o âmbito do território de saída e do território de chegada dos indivíduos migrantes. No âmbito da saída, em razão da situação de crise agrária e agrícola, os camponeses viram na emigração para a América a solução de sua situação de miséria. Além da possibilidade de concretizarem a quase utopia da propriedade da terra, ao contrário da terra natal, com os estímulos oferecidos pelo Rio Grande do Sul, eles poderiam facilmente se tornar proprietários, melhorando suas condições econômicas e sociais.

Após a ocupação das áreas doadas pelo Império às províncias, cujo território do Rio Grande do Sul abrangia a região que compreendia as planícies dos vales dos rios Caí e Sinos, palco da instalação das colônias alemãs, o governo provincial

solicitou novas terras devolutas na região da encosta superior da serra. Com a solicitação da concessão aceita em 9 de fevereiro de 1870 pelo Ministério da Agricultura, o Governo provincial adquiriu dois territórios de quatro léguas quadradas, totalizando 32, para dar continuidade à obra de imigração e colonização (PELLANDA, 1950, p. 44). Nesse território concedido pela Coroa imperial na província sulina, pelo ato de 24 de maio de 1870, foram os núcleos coloniais Dona Isabel (futura Bento Gonçalves) e Conde D’Eu (futura Garibaldi), este em homenagem ao futuro casal imperador do Brasil, no entanto, depararam-se com dificuldades para povoar essas colônias (COSTA, 1997, p. 27).

O território das 32 léguas localizava-se entre as bacias dos rios Taquari, Antas e Caí, limites com São Francisco de Paula de Cima da Serra, Taquara do Mundo Novo, São João do Montenegro e São Sebastião do Caí. Apresentava altitudes que variavam de 600 a 900 metros, coberto por densas florestas de pinhais e matas de galerias lindeiras aos rios que, por não terem despertado o interesse dos criadores de gado e saladeiros da região dos campos da campanha e do planalto e devido à expansão alemã ter se concentrado nas regiões dos vales dos rios da Depressão Central e interromper-se nas encostas inferiores da Serra Geral, permanecia apenas precariamente povoado por alguns autóctones em atividades de subsistência, que se mantinham retirados da economia estadual (PELLANDA, 1950, p. 34).

Em consequência do sucesso de imigração e colonização nos quatro núcleos iniciais de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi e Silveira Martins, as terras começavam a escassear, não havendo como atender às demandas de novos lotes para estabelecer os imigrantes que chegavam da Itália, ou mesmo para os novos núcleos familiares que se formavam dos descendentes já estabelecidos, visto que a taxa de uniões e de natalidade demonstrava ser relativamente alta entre os ítalo-brasileiros. Tal fator levou a necessidade de aumentar e de se estender no entorno dos rios Taquari, Antas, Carreiro e Guaporé, região do futuro núcleo de Alfredo Chaves e, notadamente, do núcleo Guaporé.

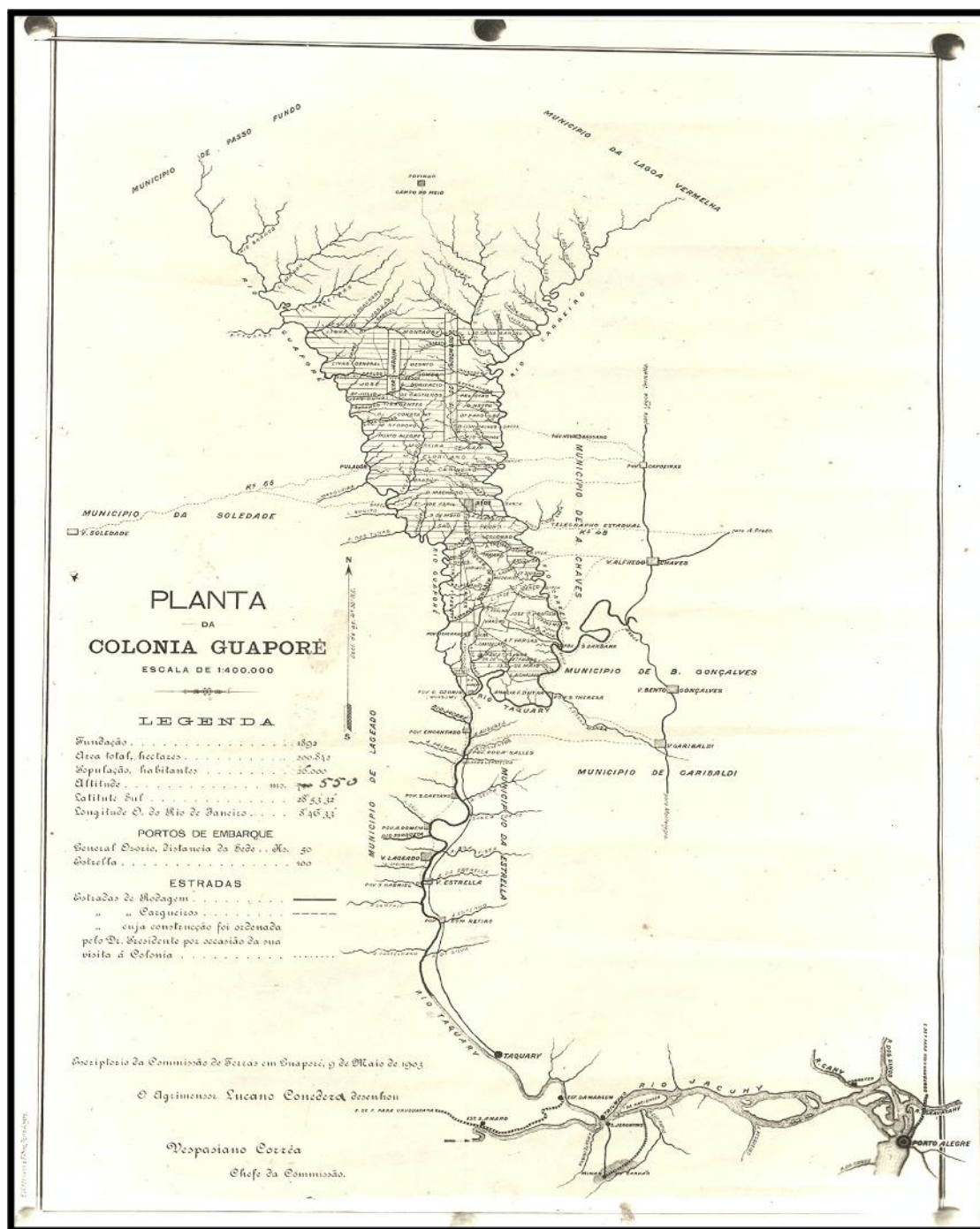
Além desses principais fatores que nortearam o processo de imigração e colonização como um todo, o Governo provincial percebia a necessidade de ampliar as áreas destinadas à colonização, com o imperativo de aproveitar a grande área devoluta ao sul de Passo Fundo e Soledade, o que encurtaria as distâncias entre esses municípios de Porto Alegre, aprimorando as vias de comunicação tanto terrestre

quanto fluvial, em vista da navegabilidade do rio Taquari com a capital da província. Assim, o governo estabeleceu uma comissão técnica para realizar um levantamento e mapear a extensa área entre os rios Carreiro e Guaporé.

O engenheiro Nicolau França Leite Pederneiras foi designado, em razão de sua experiência no levantamento de terras para fins de colonização, para medir e discriminar as terras devolutas do futuro núcleo de Guaporé. Sediada em Taquari, a Comissão Técnica estabelecida pelo presidente da província Dr. José Júlio d'Albuquerque, foi assumida pelo engenheiro em 14 de janeiro de 1885 (TEDESCO; BALBINOT, 2020, p. 28).

O empreendimento foi difícil de ser realizado devido ao terreno acidentado da colônia por sua localização na encosta superior nordeste, a densa mata, que em muitos lugares permanecia até então intocada, a ampla extensão territorial e a ausência de estradas.

Os imigrantes colonizadores participavam na abertura das estradas e dos caminhos vicinais que conduziam aos lotes adquiridos. A metade do valor recebido pelo trabalho podia ser utilizado para amortizar a dívida contraída com o governo na aquisição do lote colonial, cujo prazo de pagamento variava de cinco, dez e quinze anos. Essa prática foi constante no processo de demarcação, abertura e ocupação do núcleo colonial de Guaporé (KARAM, 1992, p. 32-48).



Fonte: Arquivo Histórico do Município de Guaporé.
Planta dos lotes da Colônia Guaporé. Arquivo de Cartografia. Comissão de Terras e Colonização de Guaporé, 1903.

Na escala de 1:400.000, a planta apresenta as demarcações da colônia, a divisão das principais linhas, informações relativas à fundação da colônia, altitude do território, população, área total, municípios vizinhos, estradas e portos de embarque.

Esse mapa torna-se essencial para que se possa compreender o núcleo colonial Guaporé em toda a sua extensão, limites e divisão da colônia pelo sistema de linhas. Pode-se ver que o núcleo colonial de Guaporé, estabelecido em 19 de dezembro 1892 pelo engenheiro Aguiar Leitão, localiza-se parte no município de Passo Fundo e parte no município de Lagoa Vermelha, com terras distribuídas entre os rios Guaporé e Carreiro, até encontrar o Taquari.

Dividido, inicialmente, em 22 linhas principais e outras dezenas de linhas menores, teve a maioria dos lotes coloniais rapidamente ocupados por imigrantes recém-chegados da Itália e por filhos de imigrantes já estabelecidos nos núcleos coloniais de Fundos de Nova Palmira, Conde D'Eu e Dona Isabel, que formavam novas famílias e buscavam novas terras para se estabelecerem.

Vespasiano Corrêa e Lucano Conedera foram os principais responsáveis por duas tarefas necessárias ao estabelecimento e ocupação do núcleo colonial de Guaporé: a primeira, a medição e demarcação dos lotes coloniais; a segunda, a abertura dos caminhos vicinais para o deslocamento dos colonos até seus respectivos lotes. O reconhecimento do trabalho ocorreu com a emancipação do núcleo colonial Guaporé, mérito de Vespasiano Corrêa e Lucano Conedera, os dois primeiros intendentess do nascente município (SGANZERLA, 2001).



Fonte: Arquivo Histórico do Município de Guaporé. Arquivo sem identificação.
Festa em homenagem à Fundação oficial da colônia Guaporé em 1892.

Ocupação e dinâmica produtiva da Colônia Guaporé

Análise de boletins e relatórios

Neste item centralizaremos a análise no *Boletim* do Ministério de Relações Exteriores de 1900 (*Lo Stato di Rio Grande do Sul nel Brasile e l'Immigrazione Italiana*), redigido pelo cônsul em Porto Alegre Enrico Ciapelli em dezembro de 1899 e publicado em março de 1900. O *Boletim* apresenta dados dos imigrantes que entraram no Rio Grande do Sul em 1898, informações econômicas e geográficas, entre outros aspectos cotidianos nas colônias de imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nosso foco se baseia nas informações da recente formação Colônia Guaporé.³

O documento discorre sobre as vias de comunicação no interior do estado e as normas que o governo brasileiro estabeleceu para a formação dos núcleos e a colonização, conforme decreto nº 247, de 19 de agosto de 1899, onde regula a imigração no estado, apresenta dados do município de Alfredo Chaves e dos núcleos

³ Fazemos referência à Heredia; Romanato (2016), porque foram eles que organizaram os vários volumes desse amplo documento.

de Guaporé, Ijuhy, Jaguary, Guarany, Colônia Villanova e Colônia Marquês do Herval.

As descrições fornecidas pelo cônsul Enrico Ciapelli contribuem na compreensão dos motivos que levaram a fundação do núcleo colonial de Guaporé, assim como os fatores responsáveis por sua rápida ocupação.

Os imigrantes italianos foram preferencialmente destinados a Guaporé, Ijuhy e Jaguary, já que em Caxias, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Alfredo Chaves, já erigidas como prefeituras, agora não há terras estaduais disponíveis e, nestes últimos lugares, apenas são enviados os colonos que têm sua própria família para sustentar ou são chamados por parentes há muito estabelecidos⁴ (HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. I, p. 249 – tradução livre).

As diminutas terras distribuídas aos imigrantes e aos migrantes, o elevado número de descendentes de cada família (o índice médio chegava a dez [COSTA, 1997]) e a prática da agricultura com métodos tradicionais acarretaram desde o início a busca por essas novas terras.

A primeira região a ser procurada, fugindo dos critérios da precedente divisão de terras, foi Encantado. No início da década de 1880 houve um fluxo de imigrantes para as colônias Dona Isabel e Conde D'Eu em busca de novas terras. De Encantado, os imigrantes e seus descendentes iniciaram o processo de deslocamento e ocupação em direção ao norte, nas terras além do rio Taquari, entre os rios Guaporé, Forqueta, Carreiro, Antas e Taquari, até encontrarem terras ocupadas anteriormente por fazendeiros (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 50).

Em 1899, ano em que foi redigido o *Boletim* pelo cônsul Enrico Ciapelli, a disponibilidade de lotes coloniais nos núcleos de Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi, Antônio Prado e Alfredo Chaves encerrara-se, e eram destinados para essas localidades, já emancipadas municípios, apenas os imigrantes que chegavam da Itália, do Chile e da Argentina que tivessem familiares estabelecidos nessas localidades e em pleno desenvolvimento em atividades agrícolas na colônia ou exercendo atividades comerciais nos núcleos urbanos. Com essas exigências, objetivavam reduzir a pressão pela terra dos já estabelecidos e o fluxo populacional

⁴ Gl'immigranti italiani furono preferentemente destinati a Guaporé, Ijuhy e Jaguary, deppoichè a Caxias, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Alfredo Chaves, già eretti a municipi, non vi sono oramai terreni demaniali disponibili ed in quest'ultime localita vengono mandati soltanto quei coloni che abbiano la própria famiglia da raggiungere o che vi sieno chiamati da parenti già da tempo stabiliti.

de imigrantes vindos passaria a ser destinado aos novos núcleos coloniais, que ainda dispunham lotes discriminados e demarcados nas colônias de Ijuhy, Jaguary e especialmente Guaporé. O cônsul em várias passagens, que aqui não temos condições de documentar em razão do espaço exíguo, discorre sobre o processo de deslocamento do contingente populacional de italianos e de seus descendentes no estado do Rio Grande do Sul que contribuiu imensamente na ocupação do núcleo de Guaporé.

Em 1904, Petrocchi destaca um fato importante relacionado à dimensão da terra e à natalidade das famílias de imigrantes italianos. Segundo ele, a terra onde moravam era insuficiente para manter as famílias que se formavam pelos descendentes, novos casamentos dos jovens que alcançavam a idade adulta, fator esse intensificado, como já mencionamos, pela alta taxa de natalidade nas famílias estabelecidas nos lotes regionais do Rio Grande do Sul. A densidade demográfica no lote colonial tornava o sustento econômico insustentável, exigindo um novo movimento de deslocamento em direção a novos núcleos coloniais, desta vez para o núcleo Guaporé, que demandava mais reservas de terras devido à sua posição geográfica.

Nesse sentido houve um bloqueio fundiário, principalmente por ocasião dos casamentos de filhos homens da unidade-mãe e a consequente necessidade de constituir novas unidades. Essa impossibilidade de formar uma nova família no pequeno lote, muitos se obrigavam buscar novos espaços onde o preço da terra ainda não era tão elevado, e começar tudo novamente, como seus pais. Nesse novo espaço era pouco ou nada habitado, com condições precárias de infraestrutura para o escoamento da produção, além de ter que, como a unidade-mãe o fez, trabalhar com o machado e o picão na abertura de estradas. Esses fatores, se comparado com as primeiras colônias, justificam o baixo preço dos lotes.

Muitos colonos tiveram que sair das terras onde haviam fixado moradia por contraírem onerosas dívidas, em geral com os comerciantes do local na aquisição de sementes, ferramentas, animais de criação, ou na comercialização de seus excedentes. Diante dessa situação, saldavam a dívida entregando a terra, e buscavam novos espaços e recomeçavam suas vidas outra vez.

Algumas famílias, por acreditarem que encontrariam melhores lotes, com mais terras e mais férteis, com condições de produção e escoamento dos gêneros

cultivados, ou pela necessidade de estar próximas de familiares que já haviam se deslocado para o núcleo Guaporé, abandonavam a “casa, o pomar, o vinhedo e aquela terra que foi cultivada, por cerca de vinte anos, com o suor da testa”, como enfatiza o fragmento do documento:

A população de Guaporé, agora com mais de 20.000 pessoas, está sempre aumentando, porque são adicionados, anualmente, centenas de italianos já domiciliados em outros municípios, dos quais eles devem escapar ou porque estão cheios de dívidas, ou porque a pequena terra já possuída não é mais suficiente para manter as famílias. E acontece que, dentro do Estado, existe uma migração real e contínua de pessoas que, tendo trabalhado tanto em um só lugar, acreditando que vai encontrar algo melhor, abandona a casa, o pomar, o vinhedo e aquela terra que ele cultivou e fertilizou, por cerca de vinte anos, com o suor da testa⁵ (*Boletim...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. II, p. 378 – tradução livre).

É necessário compreender que no que diz respeito à Colônia Encantado e parte de Guaporé a ocupação de terras assume um aspecto particular, ou seja, a migração espontânea foi responsável pela formação da Colônia Encantado e pelo povoamento de grande parte dos lotes coloniais de Guaporé. É interessante observar que o único critério seguido de modo formal e sistemático foi ocupar as terras na direção norte na medida em que novas levas de imigrantes, originários das colônias antigas ou de fora do Estado, iam chegando. Essa ocupação geográfica deu-se na seguinte ordem: primeiro as terras localizadas aquém do rio das Antas; depois as terras além do rio das Antas, por fim, a baixa área entre os rios Carreiro e Guaporé, a oeste das colônias Dona Isabel e Alfredo Chaves (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 48).

Servimo-nos também, como fonte, do relatório *Emigrazione e Colonie*, escrito em fevereiro de 1908 pelo cônsul Francesco de Veluttis, de Porto Alegre. Neste destacam-se traços dos principais núcleos coloniais italianos, como Caxias, Bento Gonçalves, Alfredo Chaves, Garibaldi, Guaporé, Silveira Martins, Jaguaré, Ijuhy, Mariana Pimentel, Barão do Triunfo e algumas colônias menores. O relatório destaca

⁵ La popolazione del Guaporè, ormai superiore alle 20,000 persone, va sempre aumentando, perchè si aggiungono annualmente centinaia d'italiani già domiciliati in altri municipi, e dai quali devono fuggire o perchè carichi di debiti, o perchè la poca terra già posseduta non basta più a mantenere le loro famiglie. E così avviene che, dentro lo Stato, c'è una vera e continua emigrazione (sic) di gente che, dopo aver tanto lavorato in un posto, credendo di trovar meglio, abbandona la casa, il pomario, il vigneto e quel terreno che aveva dissodato e fecondato, per circa venti anni, col sudore della sua fronte.

a chegada de italianos no Rio Grande do Sul e a presença de um movimento de migração tanto interno no Rio Grande do Sul quanto externo vindos da Argentina e do Chile. O cônsul aponta novas contribuições para o processo de ocupação da colonização do núcleo Guaporé.

Muitos colonos, que estiveram em alguns terrenos ingratos nas encostas da Serra, ou que esgotaram a produtividade devido a formas de cultivo primitivo, ou que não podiam mais viver em seu próprio lote por causa do aumento natural da família e na impossibilidade de comprar outras terras na mesma região, ou por estar em dívida com comerciantes próximos, ou mesmo porque conseguiram vender bem suas terras, todas essas pessoas foram em direção a Guaporé, onde, aproveitando a experiência sobre a qualidade das terras florestais, poderiam escolher lotes férteis que compensariam seu trabalho⁶ (*Relatório....*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. VI, p. 737 – tradução livre).

Percebe-se pelo relatório que a Colônia Guaporé passou a ser um espaço para solucionar várias questões que envolviam imigrantes/descendentes de outras colônias constituídas há algumas décadas. De acordo com o relato de Francesco de Veluttis, observamos que a demarcação e a discriminação das terras nos núcleos coloniais através do sistema de linhas e lotes não consideravam importantes aspectos geográficos, como o relevo da terra, o acesso à água, a distância dos núcleos urbanos. Essa desconsideração relegou muitos imigrantes a uma destinação nas terras de difícil habitação e produção. Dessa forma, muitas famílias já estabelecidas em núcleos foram impelidas a buscarem novas propriedades com preços mais acessíveis e mais propícias ao estabelecimento da produção, e o local, em geral, foi no núcleo Guaporé.

Além disso, muitos colonos rapidamente esgotaram a fertilidade e a produtividade de suas terras em função do uso de técnicas empíricas, rudimentares, tanto na limpeza da área florestal com nas queimadas para a produção em suas propriedades, sem recursos para repor a fertilidade com adubação química ou orgânica. A utilização do fogo na limpeza da mata virgem, a ausência de rotatividade de campos e culturas, a inexistência de fertilizantes e adubos na terra, ou mesmo o

⁶ Molti coloni, che avevano avuto in sorte terreni ingrati sui pendii della Serra, o che ne avevano esaurito la produttività a forza di colture primitive, o che non potevano più vivere nel proprio lotto per l'aumento naturale della famiglia e nell'impossibilità di comprarne altri nella stessa regione, o perché indebitati col negoziante vicino, o perché riuscivano a vendere bene le proprie terre, tutta questa gente traeva numerosa verso il Guaporè, ove, resa adotta dall'esperienza sulla qualità delle terre forestali, poteva scegliere lotti fertili che avrebbero compensato ad usura il suo lavoro.

melhoramento de sementes, levaram ao esgotamento do solo e à queda vertiginosa da produção, inclusive na melhoria das raças de animais de criação. Esses fatores engrossaram ainda mais o processo de migração interna no estado, e a nova Colônia Guaporé passou, em boa parte, de colônia de imigrantes para os migrantes não só italianos, mas também de poloneses, austríacos e descendentes de alemães que já residiam em outras terras no estado.



Fonte: Arquivo Histórico do Município de Guaporé.
Fotografia retratando os cultivos, as criações de animais, galpão e a moradia num lote colonial localizado no Quarto Distrito, Vespasiano Corrêa, interior da Colônia Guaporé, no início da década de 1900.

A alta taxa de natalidade em relação à pequena propriedade colonial tornou-se um fator capital para o desencadeamento do fluxo migratório com destino ao núcleo de Guaporé. O cônsul de Porto Alegre, Francesco de Veluttis, coloca que, além do número elevado de filhos, a pressão por mais terras e o limitado lote, muitos desses imigrantes e/ou filhos “conseguiram vender bem suas terras” que estavam inflacionadas devido à diminuição de oferta nos núcleos coloniais iniciais de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Antônio Prado e Alfredo Chaves, e “todas essas pessoas foram em direção a Guaporé onde havia a possibilidade de, aproveitando a experiência sobre a qualidade das terras florestais, poderiam escolher lotes férteis

que compensariam seu trabalho” (*Relatório*, 1908; apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, VI, p. 732).

O documento *Emigrazione e Colonie* tem como tema “Rio Grande do Sul e a crise econômica durante o último quinquênio”. Além de abordar a crise econômica que sofrera o Rio Grande do Sul em função do câmbio ocorrida em Londres, o relatório destaca não apenas a fama da fecundidade impressionante das terras da Colônia Guaporé, mas também as facilidades proporcionadas na compra dos lotes coloniais. Os imigrantes e seus descendentes estabelecidos nos núcleos coloniais de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Antônio Prado e Alfredo Chaves foram atraídos pelas condições de pagamento aceitas pela Comissão de Terras e Colonização de Guaporé, que permitia a amortização do valor da dívida contraída na aquisição do lote colonial com a prestação de serviços na abertura de estrada. Isso possibilitava que cada filho homem adulto capaz de trabalhar na abertura de estradas e caminhos vicinais se tornasse um postulante na compra de um lote colonial ou mais.

Além de ser o núcleo para onde preferem se dirigir os imigrantes vindos de fora, Guaporé exerce uma poderosa força de atração sobre os agricultores italianos das antigas colônias, seja pela qualidade das terras, seja pelas numerosas obras públicas ativas na sede e fora dela na construção das estradas, seja pelos benefícios concedidos aos colonos de pagar os lotes com prestações de trabalho nessas obras, seja pela facilidade de obter ou comprar mais lotes em razão da existência de filhos adultos nas unidades⁷ (*Relatório...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, VI, p. 737 – tradução livre).

Da mesma forma Luigi Petrocchi é claro em seu *Boletim...* na descrição de janeiro de 1904 sobre a ocupação de Guaporé. Ele argumenta que os imigrantes que procuravam ser proprietários de terra no Novo Mundo a possibilidade de serem donos de seus lotes coloniais mantinha-se como o principal fator do processo de imigração e colonização:

Muitos vêm do Estado de São Paulo, da Argentina e da Itália. No corrente ano, imigraram 40 famílias. E eles chegam cheios de confiança naquelas florestas. Trabalham suportando estoicamente

⁷ Oltre all'essere stato di núcleo dove di diressero a preferenza gl'immigranti venuti di fuori, Il Guaporè esercito sugli agricoltori italiani delle antiche colonie una potente forza d'attrazione, sai per la bonta delle terre, sai per i numerosi lavori pubblici attivati nella sede e fuori per la costruzione delle strade, sai per le agevolazioni accordate ai coloni di pagare i lotti con prestazioni d'opera su detti lavori, sai per la facilita di ottenere o di comperare più lotti in ragione dei figli adulti.

todas as maiores e mais inimagináveis privações, e todos eles mostram quase uma certa alegria no coração, porque sabem que, onde agora existem florestas intransponíveis, surgiram quase que por um encanto terras cultiváveis, pomares jardins, vilas e pensam que dessas terras eles mesmos se tornarão os verdadeiros donos, e que ninguém será capaz de expulsá-los, maltratá-los, irritá-los, sendo trabalhadores pacíficos que contribuem para a riqueza de um Estado que se declarou no caminho para o progresso⁸ (*Boletim...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. II, p. 378-379 – tradução livre).

Muitos imigrantes e seus descendentes vindos de São Paulo, da Argentina, do Chile, da Itália e do próprio espaço colonial do Rio Grande do Sul, como vimos, escolheram ou foram destinados para o núcleo colonial Guaporé. Esse fluxo populacional distinto da imigração e da colonização foi responsável tanto pela fundação do núcleo e da rápida demarcação e apontamento dos lotes quanto da ocupação.

O conde Pietro Antonelli, em seu relatório publicado em julho 1899, narra sua viagem realizada a convite do presidente do Estado Antônio Augusto Borges de Medeiros. Guiado pelo secretário estadual de Obras Públicas João José Pereira Parobé, a viagem durou trinta e três dias do Rio de Janeiro até Porto Alegre e depois ao interior das colônias. Numa narrativa bastante rica, ele apresenta detalhes sobre a ocupação das terras, o início das atividades agrícolas, as construções das habitações, a abertura das matas, as formas de cultivar e de selecionar as diversas culturas, o fato de a referida colônia ter crescido tanto, ele exalta o trabalho dos (i)migrantes e referencia esse espaço como a solução para os problemas da falta de terra nas outras colônias.

⁸ Molti arrivano dallo Stato di San Paolo, dall'Argentina e dall'Italia. Nel corrente anno vi immigrarono ben 40 famiglie. E arrivano pieni di fiducia in mezzo a quei Boschi. Lavorano sopportando stoicamente tutte le più grandi e immaginabili privazioni, e dimostrano tutti, quase una certa allegrezza nel cuore, perchè sanno che, dove ora esistono boschi impraticabili, sorgeranno poi come per incanto dei terreni coltivati, dei frutteti, dei giardini, dei villaggi, e pensano che di quei terreni diverranno essi stessi i veri proprietari, e che nessuno potrà scacciarli, maltrattarli, angariarli, essendo dei pacifici lavoratori che concorrono alla ricchezza di uno stato dichiaratosi sulla via del progresso.



Fonte: Arquivo Histórico do Município de Guaporé.
Registro da viagem e da visita do Ministro Conde Antonelli a Guaporé, em julho de 1899.

Em relação à Colônia Guaporé, o conde destaca tanto sua passagem pelo núcleo quanto o encontro com um imigrante que, sem identificar a identidade dele, proporciona uma interessante narrativa sobre os primeiros anos da vida na colônia. Na narrativa, o conde Antonelli destaca:

Durante a viagem, conheci uma família de agricultores que viajavam a cavalo: seus filhos estavam deitados em pequenas caixas na parte de trás de um quadrúpede, um de um lado e um do outro, enrolados em suas roupas para evitar caírem. Interrogando o colono de Guaporé sobre como havia começado o seu árduo trabalho de limpeza e cultivo?⁹ (*Relatório...* apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. I, p. 243 – tradução livre).

A partir da interrogação ao colono de Guaporé o conde Antonelli destaca que o governo do Rio Grande do Sul proporcionava a possibilidade de antecipar um

⁹ Durante il viaggio, ho incontrato delle famiglie di agricoltori, le quali viaggiavano a cavallo: i loro bambini erano adagiati in piccole casse a dorso di quadrupede, uno da un lato, ed uno dall'altro, avviluppati nella loro biancheria in modo impedire un rovesciamento. Interrogato un colono di Guaporé come aveva cominciato il suo árduo lavoro di diboscare e coltivare, mi fece la seguente narrazione.

subsídio para que o imigrante adquirisse as ferramentas necessárias para a construção das primeiras habitações e feitorias e os insumos necessários para o início da produção. Esse crédito fornecido ao produtor rural era, após dois anos de residência, depreciado do mesmo jeito que o preço do lote. “O governo antecipa um subsídio em dinheiro para a construção da casa e dá as ferramentas rurais necessárias a crédito: estes pagamentos adiantados são, após dois anos de residência, depreciados da mesma forma que o preço do lote¹⁰ (*Relatório...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. I, p. 243 – tradução livre).

Tendo em mãos o título provisório de posse da terra, a família dirigia-se ao lote colonial previamente indicado pela Comissão de Terras e Colonização, órgão do Governo do estado responsável pela normatização da terra e das colonizações. O início das atividades no lote colonial estava ligado à instalação da família, à posse de um machado, um facão e um picão. A ocupação era auxiliada pelos filhos homens adultos, se assim as famílias os tivessem. Iniciava-se a abertura e a limpeza da clareira, geralmente na frente do lote, próxima à estrada da linha, tendo em vista também com proximidade de água. Nessa área era construído o barracão, moradia rústica, que servia para abrigar o colono e sua família nos primeiros dias em seu lote, seguindo, então, o início do plantio das primeiras culturas de subsistência.

Tendo obtido a concessão do lote e seu título provisório, medi duzentos metros quadrados de floresta, que destruí com fogo. Construí imediatamente uma pequena casa de madeira e, com toda a minha família, lavro o solo e semeei milho com uma vara com ponta de ferro e que abria um pequeno buraco no chão, onde foram colocadas duas sementes de milho. Para esta operação, os membros da família, todos equipados com bastões, se colocam em uma única linha na frente e, marcando um passo de 75 centímetros, afundam simultaneamente as varas, jogam as sementes e continuam avançando. Com a primeira colheita, parcialmente mantida para o consumo da casa, parcialmente vendida, comecei a comprar galinhas e pequenos porcos e gradualmente aumentava meus produtos, plantando o trigo, continuando o desmatamento, e cultivando, como a vinha, as batatas doces, feijão, legumes e, finalmente, algumas árvores frutíferas, como pêsego, maçã, damasco, etc.¹¹ (*Relatório...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. I, p. 243 – tradução livre).

¹⁰ Il governo anticipa un sussidio in denaro per la costruzione dela casa e dá a credito gli attrezzi rural necessari: queste somme anticipate vengono, dopo due anni di residenza, ad essere ammortizzate nella stessa forma del prezzo del lotto.

¹¹ Avuta la concessione del lotto ed il relativo titolo provvisorio, ho misurato duecento metri quadrati di bosco, che ho distrutto col fuoco. Ho immediatamente costruito una piccola casa in legno ed com tutta la mia famglia zappato il terreno e seminato granturco com um bastone che há la punta ferrata e che

De posse da primeira colheita, o colono mantinha parte para sua subsistência e parte era destinada à comercialização. Os valores adquiridos na comercialização dos primeiros produtos coloniais eram dedicados à aquisição de instrumentos e materiais agrícolas necessários para o incremento da produção, como enxadas, pequeno arado, junta de bois, carroça, mula ou cavalo, vacas leiteiras, galinhas, sementes, suínos para a criação.



Fonte: Arquivo particular de Júlio Gheno.

Casa centenária pertencente à família Giaretta, localizada na linha General Carneiro, interior da Colônia Guaporé; exemplo tradicional da arquitetura das moradias da região de colonização italiana no Província/Estado do Rio Grande do Sul.

O *Boletim de Emigração* de 1906 aborda, em grande parte, a colônia italiana de Bento Gonçalves. Escrito por Luigi Petrocchi, o documento refere-se a dezembro de 1905 e localiza os núcleos coloniais europeus na serra geral, destacando a presença de bugres (indígenas) e a chegada dos italianos na região. Tece também as

gettato, in terra fa un piccolo buco, dove si posano due semi di granturco. Per questa operazione i membri della famiglia, miniti tutti di bastoni, si mettono in una sola linea di fronte e, marcando un passo di 75 centimetri, affondano contemporaneamente le aste, gettano le semente e continuano ad avanzare. Col primo raccolto, in parte serbato pel consumo della casa, in parte venduto, ho cominciato a comprare galine e piccolli porci e ho man mano aumentato i miei prodotti, piantando il frumento, continuando il diboscamento, e coltivando, com la vigna, le patate dolci, i fagioli, gli ortaggi ed infine qualche albero fruttifero, come peschi, meli, albicocchi, ecc..

considerações sobre as primeiras estradas, os preços dos lotes coloniais e as primeiras habitações. Sobre os lotes coloniais do núcleo Guaporé, Luigi Petrocchi destaca que os agrimensores responsáveis pelas medições e apontamentos não foram precisos nas dimensões das terras, as medidas tanto da frente do lote, voltadas para a estrada da linha, quanto de fundos, na profundidade até alcançar o fim do lote da linha seguinte ou anterior, variavam demasiadamente da extensão da colônia adquirida. Dessa forma havia colônias com dois quilômetros de comprimento.

Na medição e distribuição dos lotes coloniais, nenhuma atenção foi dada à precisão: todos haviam sido medidos aproximadamente (mais ou menos) e houve quem obteve lotes que mediram até dois quilômetros de comprimento. As terras foram cedidas aos imigrantes a um real ou, no máximo, a dois reis a braça quadrada (2,84m), a ser pago em uma determinada data, juntamente com as despesas com alimentos previstas nos primeiros meses, e às ferramentas rurais, das quais foram fornecidas. Ao atribuir o lote colonial, foi concedido um título temporário de propriedade¹² (*Boletim de Emigração...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. VI, p. 646-647 – tradução livre).

De acordo com a legislação vigente que definiu as diretrizes do processo de imigração e colonização no período republicano, o lote colonial deveria possuir 25 hectares. A divisão formal da terra realmente foi feita dessa forma, no entanto, por ocasião da venda dos lotes, e mesmo após o assentamento, o colono podia adquirir terras em número de hectares bem menor, caso estivessem localizadas próximas à sede da colônia, ou mesmo bem maiores, se essas terras estivessem nos limites das terras destinadas à conservação das florestas, longe das estradas principais ou das vilas e povoados (COSTA, 1986, p. 171-172).

O *Boletim de Emigração* enfatiza a produção agrícola, descreve a economia policultora do colono, em particular a criação de porcos e os parreirais, exaltando a sua dimensão laboral e projetando um amplo progresso, principalmente para o município de Guaporé.

¹² Lotti colonial – nella misurazione e distribuzione dei lotti colonial, non si badò alla precisione: erano stati tutti misurati approssimativamente (mais ou menos) e ci furono di quelli che ottennero dei lotti che misuravano, perfino, due chilometri di lunghezza. Quei terreni furono ceduti all'immigrato a un real o, al massimo, a due reis alla braça quadrada (2.84 m), da pagarsi entro una data época, unitamente alle spese di vitto stategli anticipate nei primi mesi, ed agli arnesi rural, dei quali era stato provvisto. All'atto dell'assegnazione del lotto coloniale, gli veniva consegnato un titolo provvisorio di proprietà.



Fonte: Arquivo Histórico do Município de Guaporé.
Moradia de um colono, com seus vinhedos, no Terceiro Distrito, meio rural da Colônia Guaporé, por volta de 1910.

Sobre as primeiras habitações, Costa (1986) esclarece que a derrubada da mata virgem e a abertura de clareiras serviam não apenas para a edificação da moradia da família, como também na abertura de áreas destinadas às benfeitorias e às roças. A madeira das matas era amplamente utilizada na edificação das benfeitorias ou comercializada, rendendo os primeiros capitais ao colono (CORTEZE, 2002). O medo dos bugres (indígenas) e animais ferozes era uma constante. O relato a seguir revela isso:

As primeiras habitações - cada família, assim que o número da terra designada foi indicado, foi lá, com feixes de trapos nas mãos, alargando ao máximo com o facão o traçado feito pelos agrimensores. Seu primeiro cuidado foi construir, possivelmente perto da água, uma pequena praça, no meio de bosques densos, e construir uma cabana de junco, coberta com galhos e folhas. E lá ele se estabeleceu, lamentando o lindo céu da Itália. E passando as noites sem dormir, pelo temor dos índios, das bestas ferozes, e de tantos outros perigos desconhecidos, inspirados por aquela floresta densa e virgem,

impondo seu vasto silêncio e escuridão¹³ (*Boletim de Emigração...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. VI, p. 646-647, tradução livre).

A segunda moradia normalmente era mais estruturada que o rústico barracão que abrigara as famílias nos primeiros meses no lote colonial. Agora já era uma casa semipermanente, aproximadamente quatro por seis metros, edificada de tábuas oriundas das árvores da propriedade, a cobertura era feita com pequenas tabuinhas retangulares também de madeira. Posteriormente, com a edificação da casa permanente, geralmente era composta por dois andares, sendo o primeiro edificado com pedras, o porão, utilizado principalmente para a armazenagem de alimentos e conservação do vinho, o segundo piso, edificado em madeira, era utilizado como moradia da família. A casa semipermanente era utilizada para paiol, depósito de milho, feno, feijão, batatas e outros gêneros agrícolas.

Pouco a pouco, porém, até a floresta se tornou familiar para nossos colonos. O medo dos bugres (chamado *bulgheri* por eles) desapareceu. E para se defender dos animais selvagens, muitos deles trouxeram uma pistola ou espingarda enferrujadas trazidas da Itália. Com o machado e com o fogo, eles poderiam, em breve, preparar e semear o milho, o trigo e o feijão, e a valorização das terras chamadas roças. Derrubando as plantas gigantes de pinheiros nas montanhas, eles poderiam ter mesas, construir cabanas mais protegidas, e proteger com uma cerca as sementes plantadas das antas e porcos selvagens¹⁴ (*Boletim de Emigração...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. VI, p. 646 e 647 – tradução livre).

¹³ Le prime abitazione – ogni famiglia, appena le veniva indicato il número del terreno statole assegnato, vi si recava, coi fagotti dei cenci in colo, alargando ala meglio col facção la tracia stata fatta dagli agrimensori. Sua prima cura era quella di formare, possibilmente vicino all’acqua, una piccola piazza, in mezzo al folto bosco, e costruire una capannuccia di canne, e coperta di erbe e fogliami. E lì si stabiliva, rimpiangendo il bel cielo d’Italia. E passano le notti insonni, per la tema degli índios, dele bestie feroci, e di tanto altri pericoli sconosciuti, che ispirava quella folta e superba foresta vergine, imponente nella sua vastita silenziosa e tetra.

¹⁴A poco a poco, perô, anche la foresta divenne famigliare ai nostri coloni. La paura dei Bugres (da loro detti Bulgheri) sparì. E per difendersi dalle bestie feroci, molti di loro avevanooo la pistola o dei fucili arrugginiti portati dall’Italia. Com l’acchetta e col fuoco, poterono, bem presto, preparare e seminare a milho, a frumento ed a fagiuoli, degli apprezzamenti di terreno detti roças. Spaccando dele gigantesche piante di pino montano, potevano ottenere delle tavole, per costruirsi dele più riparate capanne, e per difendere com una siepe (cerca) i seminati dai tapiri (antas) e dai porci selvatici.



Fonte: Arquivo Histórico do Município de Guaporé.
Fotografia de uma morada cercada de parreiras, localizada no Quarto Distrito, meio rural da Colônia Guaporé, 1908.

Nos primeiros anos, além da edificação da moradia da família, eram dedicados também na construção das benfeitorias e do desenvolvimento das primeiras culturas agrícolas de milho, trigo e uva para a subsistência da família. Também eram construídos o chiqueiro, o celeiro, o galinheiro e a horta. O parreiral, uma das primeiras culturas estabelecidas, localizava-se nas encostas do lote, normalmente próximo à moradia (MAESTRI, 2001, p. 63-67).

Semeando aleatoriamente, sem a certeza de obter qualquer colheita, porque não tinham conhecimento do clima e das estações locais, diferentes e opostas aos da Itália. Nem havia um dentre eles que pudesse julgar, como quase todo mundo faz hoje, se as áreas de floresta eram férteis e se era mais ou menos apropriado desmatá-las¹⁵

¹⁵ I primi tentativi di seminazione – seminavo a caso, senza la certezza di ottenere un raccolto qualsiasi, perchè non avevano, affatto, conoscenza del clima e delle stagioni locali, differenti ed opposte da quelle dell'Italia. Nè tra di loro vi era uno che potesse giudicare, a colpo d'occhio, come fanno quase tutti oggi, se gli appezzamenti di foresta vergi erano fertili, e se conveniva, più o meno, diboscarli.

(*Boletim de Emigração...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. VI, p. 646-647 – tradução livre).

O agente consular de Bento Gonçalves Luigi Petrocchi, em seu *Boletim*, escrito em janeiro de 1904, apresenta uma síntese da história do Rio Grande do Sul a partir da chegada dos italianos e evidencia as condições econômicas e sociais que eles tiveram no desenvolvimento de suas comunidades.

Segue o relatório destacando as primeiras colheitas nas férteis terras da Colônia Guaporé:

No entanto, suas fórmulas foram altamente recompensadas: os pobres começaram a recuperar sua coragem. O milho e o trigo, naquelas terras pedregosas, mas riquíssimas em materiais orgânicos, e protegidos pelas plantas altas do mato, produziram maravilhosamente. Havia colonos que, com vinte quilos de sementes de trigo, eles obtiveram, semeando, oito toneladas! Embora tenha sido mal plantada e cultivada, a videira começou imediatamente após o segundo ano a ser carregada com uvas¹⁶ (*Boletim...*, HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. VI, p. 646-647 – tradução livre).

O referido *Boletim* destaca que o agora município de Guaporé contava, em 1904, com cerca de vinte mil imigrantes instalados em uma área de aproximadamente 200.000 hectares, a maior parte dedicada às atividades agrícolas.

Este novo município faz fronteira com os municípios de Passo Fundo, Soledade, Lajeado, Estrella, Garibaldi, Alfredo Chaves e Bento Gonçalves. Na vasta área de 200.842 hectares, já são cerca de vinte mil de nossos compatriotas, quase todos agricultores, e que, na paz e na atividade de um trabalho tranquilo, estão esperando o cultivo dos lotes de terra comprados, e a construção de belas estradas em direção ao local acima mencionado e em direção ao porto fluvial de Mussum, no Rio Taquary, de onde a vila fica a apenas 50 quilômetros de distância¹⁷ (*Boletim...*, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. II, p. 375 – tradução livre).

¹⁶Ciò non pertanto le loro fettiche furono molto ricompensate: i poveretti cominciarono a riprendere coraggio. Il milho ed il frumento, in quelle terre sassose, ma ricchissime di materie rganiche, e riparate dalle alte piante della boscaglia, producevano meravigliosamente. Vi furono dei coloni che, com venti chilogrammi di seme di frumento, ne ottennero, seminandolo, otto quintali! La vite, sebbene fosse stata malamente piantata e punto coltivata, comincio, súbito dopo il secondo anno, a caricarsi di grappoli.

¹⁷ Questo nuovo município confina com i comuni di Passo Fundo, Soledade, Lageado, Estrella, Garibaldi, Alfredo Chaves e Bento Gonçalves. Nella vastissima superficie di 200,842 ettari, vivono già circa ventimila nostri connazionali, quase tutti agricoltori, e che, nella pace e nell'attivitá di un tranquillo lavoro, attendono ala coltura dei lotti di terra acquistati, ed alla costruzione di bellissime

Na sequência do relato, Luigi Petrocchi destaca a fertilidade, a produtividade e a variedade dos gêneros agrícolas cultivados em Guaporé. Ele salienta a média de produção de 260 sacos de milho colhidos para cada saco plantado, além de observar os prósperos cultivos de mandioca, feijão, trigo, batatas, arroz, cânhamo, linho, ervilha, grão-de-bico, fava, lentilha, tremoço, amendoim e ervas forrageiras nos lotes coloniais. Nas margens úmidas e quentes dos rios Guaporé, Carreiro e Taquari, ele salienta a produção de frutas cítricas, bananas, ananás e cana-de-açúcar, além de mel e cera.

No *Boletim da Emigração* de 1904, o autor tece comentários acerca da vila de Guaporé, numa continuidade ao relatório pelo qual era responsável anteriormente. Luigi Petrocchi é claro ao afirmar sobre o futuro do núcleo colonial e município Guaporé, afirmando que a referida colônia era próspera, mas que havia exagero na derrubada das matas para produzir, e se questionava o que seria dessa Colônia se o ritmo do desmatamento continuasse assim. Evidenciava ainda a capacidade de superação dos colonos nos limites da topografia e da distância percorrida em carretas cheias de produtos para o porto fluvial de Muçum, por estradas íngremes, terreno montanhoso, além de dias, quando não uma semana inteira de ida e de volta. Salienta também a mescla de origens dos imigrantes na constituição e no andar dos primeiros anos nesse espaço colonial, e de que tudo isso não foi empecilho para uma convivência pacífica, fato esse que os motivava ainda mais a alcançar a “prosperidade da colônia [...], que é de se orgulhar” (*Boletim de Emigração* de 1904, apud HERÉDIA; ROMANATO, 2016, v. II, p. 358). A exaltação do trabalho e do progresso das colônias esteve em correspondência com toda uma política de propaganda do governo brasileiro, em particular do governo do Estado Borges de Medeiros que governou por um longo período o estado, demonstrando que a colonização com italianos deu certo e que esse modelo deveria ser seguido para outras regiões do país.

strade tracciate in direzione della localita sopraddette e verso il porto fluviale Mussum, sul Rio Taquary, dal qual ela villa dista soli 50 chilometri.

Considerações finais

De uma forma sintética descrevemos alguns fragmentos de narrativas presentes nos relatórios referentes às colônias de imigração italiana, tendo a de Guaporé como recorte específico; procuramos dar ênfase a alguns aspectos que produziram a territorialidade da ocupação, a maioria italiana, nesse espaço que foi estabelecido para ser a Colônia Guaporé. Nossa análise buscou contemplar, poderíamos dizer, um primeiro ciclo de organização territorial e econômico que deu a configuração da colônia.

A possibilidade de ser proprietário e de ampliar a área de terra de atuação laboral e de ganhos variados cada vez mais ampliados, o desenvolvimento de saberes e profissões já migradas da Itália, a constituição e reprodução de núcleos familiares etc., foram os símbolos do sonho dos imigrantes e de seus descendentes. Esses elementos, conjugados pelo trabalho, fé e vida familiar, tão exaltados pelas fontes que utilizamos, revelam isso. As conflitualidades, os limites impostos pela situação geográfica e topográfica da colônia foram os componentes que integraram e retroalimentaram a vida dos colonos nas relações com comerciantes, carreteiros e indivíduos ligados à dinâmica econômica regional.

A produção agrícola apresentou-se como carro-chefe da vida econômica do território da colônia, seguida pelo extrativismo da madeira e da erva-mate. O trabalho da terra na dimensão familiar e policultora, com centralidade no milho, trigo, uva, mandioca, fumo, feijão, dentre outras culturas consideradas “meios de vida” (para consumo interno na unidade), viabilizaram um amplo complexo relacional e produtivo, o qual envolvia moinhos, criação de porcos, comércio dos produtos derivados de grande aceitação mercantil, a banha, atafonas, cantinas, produção de destilados etc.

Não obstante a carência de infraestrutura (estradas, ferrovias, pontes, escoamento da produção, centro consumidor), a Colônia Guaporé cresceu muito em vários âmbitos logo nos primeiros anos de existência, em particular, na esfera econômica, demográfica, na presença de instituições mediadoras (Igreja Católica, escolas, agremiações políticas), nos capitais comerciais, industriais e financeiros, dentre outros. Em pouco mais de quatro anos de existência, já indicava a presença de mais de sete mil habitantes (THOMÉ, 1967), com preponderância de italianos,

porém, alemães, poloneses, russos, ucranianos e austríacos também fizeram parte nesse processo.

A questão do fluxo de imigrantes italianos que deveriam ou se esperava que ocupassem a colônia, como enfatizado pelos documentos que analisamos (relatórios e boletins), ficou muito aquém do idealizado pelo acordo intergovernamental. Diante disso, boa parte de seu território foi ocupado por outros grupos étnicos (poloneses e ucranianos em particular), como também por migrantes provenientes de outras colônias. Estes últimos, em razão do subsídio governamental, ou do baixo preço da terra, ou, então, premidos pela necessidade de constituir novas unidades familiares em razão do casamento dos filhos e do consequente bloqueio fundiário no local de origem. O preço da terra subiu muito, obrigando um contingente de colonos imprimirem mobilidades internas (regionais) e buscarem novos espaços, e a Colônia Guaporé serviu como território importante para amenizar um conflito já existente nas colônias italianas nas primeiras décadas, que era o problema do limite fundiário, e a consequente pressão social pela terra. Organizada para atrair imigrantes, inclusive sendo objeto de acordo dos dois países, serviu, acima de tudo, para resolver um problema social e econômico regional.

Os documentos que analisamos foram importantes fontes na medida em que traçaram paralelos entre as colônias italianas, enfatizando seu progresso, sem, no entanto, mencionar conflitos maiores, problemas de maior monta em termos de relações de trabalho, organização comunitária, oposição às promessas não cumpridas pela esfera pública estadual, concentração de propriedade, relações entre comerciantes e colonos que, em geral, a literatura mais crítica da imigração italiana no sul do Brasil demonstra que nem sempre foram pacíficas. No entanto, devemos ter presente quem os escreveu, para quem e com que objetivo. Não podemos esquecer que para os agentes governamentais era muito importante demonstrar que o investimento nas colônias estava certo. Basta dizer que no início do século XX foram as colônias, sob o comando do governo do estado Borges de Medeiros, representar o Brasil em uma feira internacional em Milão, com a intenção de demonstrar a pujança econômica das colônias, como também incentivar a emigração para o país, em especial no Rio Grande do Sul.

No que tange ao nosso objeto de estudos, os documentos foram importantes, pois há muitos dados estatísticos da produção e do comércio, a configuração

territorial, as migrações, os novos imigrantes, as impressões dos autores sobre o que estava se passando nessa nova colônia, ou seja, fontes, mesmo com ressalvas, fundamentais para se analisar com mais profundidade, e fazer análises comparativas entre as colônias por autores da região nos períodos em que os meios de informação e compilação de dados eram raros e difíceis.

Referências

- ALVIM, Zuleica. *Brava gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- CORTEZE, Dilse Piccin. *Ulisses vá in América: história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- COSTA, Rovílio. *Antropologia visual da imigração italiana*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1986.
- COSTA, Rovílio. *Povoadores das colônias: Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado*. Porto Alegre: EST Edições, 1997.
- FRANZINA, Emilio. *A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Editora da UCS; Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.
- HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaoli. *Fontes diplomáticas: documentos da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educus, 2016. Tomo I, II, III, IV.
- KARAM, Eliane Maria Consoli. *Raízes da colonização; em destaque a colônia Guaporé e município de Dois Lajeados*. Porto Alegre: Corags, 1992.
- LANDO, Aldair; BARROS, Eliane. Os alemães no Rio Grande do Sul. In: LANDO, Aldair Marli et al. *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 9-46.
- MAESTRI, Mário. *Os senhores da serra: a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. 2. ed. Passo Fundo: EdiUPF, 2001.
- PELLANDA, Ernesto. Aspectos gerais da colonização italiana no Rio Grande do Sul. In: *Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1950.

SGANZERLA, Cláudia Mara. *A lei do silêncio: repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937-1945)*. Passo Fundo: Editora Universitária UPF, 2001.

TEDESCO, João Carlos; BALBINOT, Giovani. *A Colônia Guaporé: configuração territorial, política e econômica (1892-1940)*. Porto Alegre: EST Edições, 2020.

THOMÉ, Nilson. *A colônia do Guaporé: passado e presente*. Guaporé, 1967.

Recebido em Julho de 2022
Aprovado em Setembro de 2022